

O grande credor do mundo e a história de suas muitas dívidas

EDGARDO COSTA REIS
Correspondente

WASHINGTON — A história do desenvolvimento econômico do mundo é, pelo prisma capitalista, a história da acumulação do capital para satisfazer as necessidades materiais da sociedade. Uns acumulam, outros gastam para acumularem depois.

Entre os que acumularam estão os Estados Unidos, mas aqueles que criticam hoje, especialmente no Congresso, a atitude do País em relação aos empréstimos externos esquecem-se de que já foram um dos maiores devedores do mundo... e não pagaram as contas.

Como os países em desenvolvimento, os americanos também receberam, embora no século passado, bilhões de dólares para explorar recursos naturais e financiar ferrovias e indústrias.

Na verdade, pode-se traçar um paralelo entre a história financeira dos Estados Unidos e a de países que hoje são seus devedores. Não seria difícil ver a similaridade entre os empréstimos políticos feitos pela França e pela Espanha às colônias americanas durante a guerra civil e que nunca foram pagos, e aqueles que os Estados Unidos deram a vários governos durante a Primeira Guerra Mundial.

Da mesma maneira, os investidores americanos em títulos (bonds) de governos (e subdivisões políticas) estrangeiros não correram maiores riscos que seus colegas europeus que compraram os títulos emitidos pelos Estados americanos no século passado.

Apesar das grandes potencialidades econômicas e do rápido desenvolvimento americano no século passado, muitos investimentos estrangeiros resultaram em perda total. A experiência mais infeliz foi com os títulos emitidos pelos Estados. Durante a depressão de 1837, vários Estados repudiaram suas obrigações, fato que se repetiu depois da Guerra Civil.

Um dos casos mais famosos foi o do Estado de Mississippi, que na década de 1830 vendeu títulos para financiar dois bancos. As instituições faliram e, em 1841, os títulos deixaram de ser pagos. O Estado, posteriormente, repudiou o pagamento das dívidas, alegando ques-

tões técnicas, e os investidores europeus (inclusive o Principado de Mônaco) pediram permissão à Suprema Corte Federal para processar o Estado. O pedido foi negado em maio de 1934, quase cem anos depois.

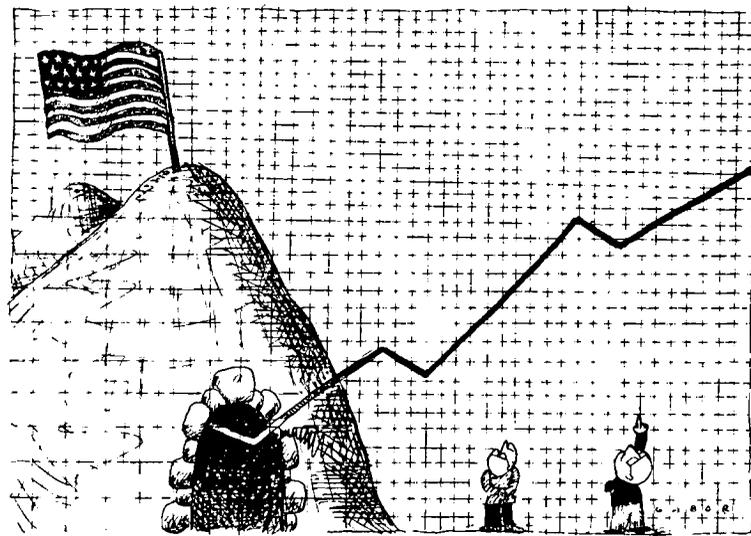
Várias emissões de títulos de outros Estados como Minnesota e Michigan, cem anos depois ainda não haviam sido pagos. Os Confederados, que perderam a Guerra Civil, também não pagaram cerca de US\$ 3 milhões de dólares em empréstimos levantados na Europa.

Calcula-se que na última década do século passado, mais da metade das ações de várias companhias ferroviárias estava nas mãos de europeus. Na depressão de 1873 e novamente em 1890, as ferrovias não tiveram condições de honrar seus pagamentos e foram obrigadas a renegociar a dívida. Os prejuízos para os investidores europeus foram incalculáveis.

Os historiadores econômicos dividem a história financeira americana em três períodos. Segundo John T. Madden, que escreveu, com Marcus Nadler e Harry Sauvain, "America's Experience as a Creditor Nation" (Prentice-Hall, Nova York, 1937), o primeiro estágio vai até 1873; o segundo até 1896; e o terceiro até 1914. De lá para cá, os Estados Unidos se transformaram no maior exportador de capital.

Ilse Mintz, em "Deterioration in the Quality of Foreign Bonds Issued in the United States — 1920-30", (Columbia University, 1951), vê na última fase um período de extraordinária expansão da atividade financeira, que começa em 1921 e vai até o que chama de "culminação especulativa" de 1929, para chegar finalmente às inadimplências (defaults) em série dos anos pós-depressão.

Durante o período colonial as entradas de capital na economia



americana ficaram limitadas quase exclusivamente a investimentos diretos, e somente na guerra revolucionária os primeiros títulos do Governo foram colocados à venda no exterior. Na luta pela independência, as colônias receberam assistência financeira da França e da Espanha, mas o primeiro financiamento externo estritamente comercial ocorreu em 1782, quando banqueiros holandeses compraram US\$ 720 mil em títulos do Governo americano. Em 1789, os investimentos estrangeiros nos Estados Unidos somavam cerca de US\$ 75 milhões.

Só no pós-guerra os Estados Unidos passaram de maior devedor a maior credor do mundo. E os países latino-americanos, que foram dos primeiros a pedir empréstimos, passaram a depender cada vez mais de Washington como fonte de capital.

O capital estrangeiro continuou entrando no país na forma de investimentos em títulos do Governo Federal, dos Estados, dos municípios e pela participação direta nas empresas, com os ingleses substituindo os holandeses como principais fornecedores de capitais.

De 1850 a 1873, com a breve interrupção da Guerra Civil, esses capitais continuaram aumentando, para financiar a construção de ferrovias e acelerar a expansão para o Oeste. Em 1873, os investimentos estrangeiros chegavam a US\$ 1,5 bilhão.

Nessa época, os Estados Unidos continuavam importando muito mais do que exportavam. Como outros países fazem hoje, pagava os velhos empréstimos tomando novos. O ano de 1874, entretanto, marcou um ponto de transição na evolução financeira, já que pela primeira vez a balança comercial deixava de ser deficitária. Entre 1874-95 o comércio exterior conseguiu média anual de superávit de US\$ 113 milhões, resultado expressivo se comparado com o déficit de US\$ 64 milhões anuais entre 1850/73.

Os investimentos continuavam, principalmente em ferrovias e minas. Em 1882, os títulos das ferrovias americanas negociados em Londres chegavam a US\$ 1,5 bilhão. No fim do século, o volume de investimentos estrangeiros era de US\$ 3,3 bilhões. Paralelamente, o pagamento de juros e dividendos no exterior aumentava para US\$ 85 milhões por ano.

Durante o período de dez anos, a partir de 1890, foram construídas 30 mil milhas de ferrovias, em comparação com 70 mil na década anterior. No começo do século, a malha ferroviária estava terminada.

Foi então que ocorreu a transição e os Estados Unidos passaram de devedores a credores. Madden rejeita a idéia de que isso tenha acontecido durante a Primeira Guerra Mundial.

O processo então reverteu. Agora os títulos de Governos estrangeiros eram oferecidos no mercado americano. Em 1899, duas cidades suíças ofereceram títulos no mercado, mas uma das primeiras ofertas públicas foi a emissão de títulos, — vendidos em libras, com juros de 5 por cento — da República do México, em julho de 1899. O hoje Morgan Guaranty, um dos mais poderosos bancos do mundo, foi o agente.